



**TESSITURAS DO TEMPO: RESENHA DE *FIOS DO TEMPO:*
(*QUASE HAIKAIS*), DE GRAÇA GRAÚNA**

**TEXTURES OF TIME: REVIEW OF *FIOS DO TEMPO:*
(*QUASE HAIKAIS*), BY GRAÇA GRAÚNA**

*José André Souza Silva*¹

*Rosivânia dos Santos*²

RESUMO

Resenha do livro de poemas *Fios do tempo: (quase haikais)* (Recife, PE: Ed. da Autora: Baleia Cartonera, 2021), de autoria de Graça Graúna.

PALAVRAS-CHAVE: Graça Graúna; Poesia indígena contemporânea; Haikai.

ABSTRACT

Review of the book of poems *Fios do tempo: (quase haikais)* (Recife, PE: Ed. da Autora; Baleia Cartonera, 2021), by Graça Graúna.

KEYWORDS: Graça Graúna; Contemporary Indigenous Poetry; Haiku.

1 Graduando em Letras, AGES. E-mail: 1andresouzasilva@gmail.com.

2 Mestre em Letras, Universidade Federal do Sergipe (UFS). E-mail: generatorose@hotmail.com.

A literatura brasileira contemporânea compõe-se de uma gama diversa de vozes, ainda que não estejam aí todas igualmente representadas. De fato, Regina Dalcastagnè (2012), em *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, revela-nos que a homogeneidade do sistema literário brasileiro, ainda marcante, é tensionada por um processo de múltiplas vias que tem em vista tirar o monopólio de voz de grupos específicos, bem conhecidos por seus privilégios históricos. É nesse contexto de tensão e de busca por legitimidade que a literatura indígena brasileira contemporânea inscreve-se. Se antes, por razões históricas, não se pensava em autoria indígena, agora se pode afirmar que o cenário mudou: desde 1980, ano em que veio a público a obra *Antes o mundo não existia*, de Umusi Pãrökumu e Torãmu Kehíri, considerada a primeira publicação indígena de caráter individual, mais e mais livros assinados por indígenas são postos à nossa disposição.

É desse contexto que surge *Fios do tempo: (quase haikais)*, a quinta obra literária de Graça Graúna, uma das pioneiras da literatura indígena expressa contemporaneamente no Brasil por meio de livros. Como afirma a própria autora em seus textos ensaísticos, a literatura indígena pode ser classificada como clássica ou contemporânea: no primeiro caso, ela é atinente às diversas manifestações artísticas dos habitantes originários deste território, fincando-se na oralidade; no segundo, manifesta-se pela escrita (GRAÚNA, 2013). Juntam-se à sua produção os seguintes títulos: *Canto mestizo* (1999), *Tessituras da terra* (2001), *Tear da palavra* (2007) e *Flor da mata* (2014). Além disso, sua importância nesse movimento também é representada pela via teórica, pois sua tese de doutorado originou *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil* (2013), primeira obra crítica sobre a autoria indígena brasileira.

Fios do tempo é duplamente artístico, uma vez que a própria feitura e materialidade do livro é também uma arte: a obra foi produzida pela editora Baleia Cartonera em formato cartonera, que utiliza, primordialmente, papelão como base de produção, numa perspectiva visivelmente contrária à excessiva massificação do mercado editorial. Essa prática artesanal tem raízes fincadas na Argentina, vide a editora Eloisa Cartonera, que surge num contexto de crise econômica, encabeçada pelo escritor Washington Cucurto. O caráter sensível dessa arte é imenso, principalmente quando se considera a singularidade de cada produto. Além disso, sua diagramação permite um roteiro de leitura dinâmico, diferente do convencional, seja pelos cortes realizados em algumas folhas da obra, seja pela não paginação.

Por outro lado, *Fios do tempo* também inova ao subverter a concepção usual de haicai, marcado pela forma fixa de um terceto composto de duas redondilhas menores e uma maior. Como o próprio subtítulo revela, são quase haicais, isto é, uma forma poética não incompleta, mas reformulada, acrescida pela sapiência da escritora. Em *Fios do tempo*, as composições

mantêm três versos, mas não seguem a métrica característica. Mesmo assim, o recorrente caráter fotográfico cultivado pelo haijin, ao captar a excepcional singularidade de dado momento aliada a contornos poéticos, está presente nos poemas-fotos de Graça Graúna, a exemplo destes:

Um pardal devora
no chão da rodoviária
os restos do dia

A lavadeira
distende o seu canto ao sol
distraidamente

Há, em certos haicais, principalmente nos que tematizam o fazer poético, um claro tom engajado, comum à autoria indígena. Afinal, lembra-nos Rita Olivieri-Godet, em *Vozes de mulheres ameríndias nas literaturas brasileira e quebequense* (2020), que, nesse contexto, “Poderíamos falar, então, de uma escrita-práxis: a escritura tomada como um espaço político de resistência e de autorreconstrução ontológica e antropológica” (OLIVIERI-GODET, 2020, p. 53). Escrever projeta-se como uma instância que mantém uma coletividade firme:

Escrever, para quê?
Para respirar e resistir
como quer a Poesia

Ademais, mesmo que a escrita seja um elemento de natureza ocidental, sua reapropriação não ganha significação de anulação ou recusa identitária. A autora é enfática, em sua produção teórica, ao afirmar que, “se na estética indígena a poesia urbanizou-se ou modernizou-se [...] nos velhos caminhos do papel e tinta, isso não quer dizer que os poetas indígenas contemporâneos tenham quebrado o compromisso que firmaram com a cultura e o pensamento do seu povo” (GRAÚNA, 2013, p. 115). Tais textos pulsam ancestralidade, como este que segue:

Filhos da Terra
no caminho de volta
cantos ancestrais

A menção à fauna e à flora também é uma constante nesses poemas. Entre plantas, como quaresmeira, umbuzeiro, hibisco, ipê e buganvília, e pássaros, a exemplo da graúna, do beija-flor, do pardal, do colibri e do assum preto, imagens de profunda conexão com a natureza são delineadas, de onde um olhar acurado capta e reafirma “os laços de amor à terra” (GRAÚNA, 2013, p. 107), como neste haicai:

Entre os hibiscos
uma graúna afugenta
os predadores

Esses haicais latinos, nomeação eleita pela escritora num congêneres de *Flor da mata*, possibilitam uma leitura pautada no reconhecimento e na compreensão das diferenças, pois essa é “uma literatura que expande o seu grito que é dos mais excluídos e que ao mesmo tempo tece a esperança de que todos possam refletir as necessidades dos povos indígenas e seus descendentes” (GRAÚNA, 2013, p. 171). Pelos seguintes versos, por exemplo, somos embalados pela musicalidade comum às culturas indígenas:

Ao som da flauta
o pajé tange o inverno
no meio de grande oca

A literatura indígena, ao semear tantas outras leituras de mundo possíveis numa conjuntura pouco afeita à diversidade, ensina-nos sobre as realidades atinentes às culturas originárias deste território, anteriores a qualquer divisão política, que englobam mais de 300 etnias e duas centenas de línguas. Os fios costurados por Graça Graúna nesse conjunto de haicais conduzem a várias direções, sendo a celebração identitária uma delas, mas numa concepção que não se sujeita às fronteiras criadas em *Abya Yala* — termo que vem sendo usado como designação deste continente em contraposição à denominação exógena “América”, advindo da língua do povo Kuna — ao propor uma nova percepção espacial:

Na borra do café
a imagem andarilha.
Viva Ameríndia!

Exaltado no último verso do poema, o continente americano passa a ser Ameríndia, num processo de renomeação que busca sustentar o direito originário a esta terra que, desde os tempos imemoriais, é o lar de diversas populações indígenas. Pelo brado “Viva Ameríndia!”, o eu poético (re)assume a posse, ainda que simbolicamente, do território ancestral. E mais espaços precisam ser assumidos, como a literatura vem sendo assumida por Graça Graúna e outros parentes seus.

Referências

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Horizonte, 2012.

GRAÚNA, Graça. *Canto mestizo*. Maricá/RJ: Editora Blocos, 1999.

GRAÚNA, Graça. *Tessituras da terra*. Belo Horizonte: Mulheres Emergentes – Coleção Milênio, 2001.

GRAÚNA, Graça. *Tear da palavra*. Belo Horizonte: M.E. Edições Alternativas, 2007.

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

GRAÚNA, Graça. *Flor da mata*. Ilustração de Carmen Bardi. Belo Horizonte: Penninha Edições, 2014.

GRAÚNA, Graça. *Fios do tempo: (quase haikais)*. Recife, PE: Ed. da Autora: Baleia Cartonera, 2021.

OLIVIERI-GODET, Rita. *Vozes de mulheres ameríndias nas literaturas brasileira e quebequense*. Rio de Janeiro: Makunaima, 2020. Disponível em: <http://edicoesmakunaima.com.br/catalogo/2-critica-literaria/38-vozes-de-mulheres-amerindias-nas-literaturas-brasileira-e-quebequense>. Acesso em: 20 fev. 2022.